

EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DO CORPO NA OBRA DE PORTINARI

Fábio Machado Pinto
Melissa Weber
André Costa
Organização


Ateliê
da Casa
editorial



Fábio Machado Pinto Melissa Weber André Costa
Organização

EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS:
INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DO CORPO
NA OBRA DE PORTINARI



Florianópolis, 2021

©2021 dos Organizadores

Conselho Editorial

Capa

Reprodução digital da obra de Candido Portinari.

Cambalhota, 1958.

Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2993>.

Projeto Gráfico e Editoração

Gabriela de Moraes Damé

Editora Ateliê da Casa

www.ateliedacasa.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experiências educativas : infância e educação do corpo na obra de Portinari [livro eletrônico] / Fábio Machado Pinto, Melissa Weber, André Justino (organizadores). -- Florianópolis, SC : Ateliê da Casa, 2021.

PDF

ISBN 978-65-990871-1-0

1. Arte 2. Corpo (Educação física) 3. Educação 4. Educação - Finalidades e objetivos 5. Infância 6. Portinari, Cândido, 1903-1962 I. Pinto, Fábio Machado. II. Weber, Melissa. III. Justino, André.

doi.org/10.55427/atelie.978-65-990871-1-0

21-91025

CDD-370.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Infância e educação 370.83

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Professor Doutor Alexandre Fernandez Vaz
(Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil)

Professora Doutora Angela Raffin Pohlmann
(Universidade Federal de Pelotas - Brasil)

Professora Doutora Cecilia Seré Quintero
(Universidad de La Republica - Uruguay)

Professor Doutor Eduardo Lautaro Galak
(Universidad Nacional de La Plata - Argentina)

Professor Doutor Fábio Machado Pinto
(Universidade Federal de Pelotas - Brasil)

Professora Doutora Jana Katharina Funk
(Universitat Bamberg - Alemanha)

Professor Doutor Jean-Yves Rochex
(Université Paris 8 - França)

Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira
(Universidade de Lisboa - Portugal)

Professora Doutora Maria Helena Menna Barreto Abrahão
(Universidade Federal de Pelotas - Brasil)

Professor Doutor Paulo Renato Viegas Damé
(Universidade Federal de Pelotas - Brasil)

Professor Doutor Ridha Ennafaa
(Université Paris 8 - França)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - PIBID/MEC SeSu, 2018/2020.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 8

João Candido Portinari, Suely Avellar

APRESENTAÇÃO..... 17

Fábio Machado Pinto, Melissa Weber, André Costa

Parte 1

EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, A INFÂNCIA E A OBRA DE PORTINARI 29

Fábio Machado Pinto, Michele Bete Petry

PORTINARI: DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS 73

Telma Anita Piacentini

MACHADO DE ASSIS, CANDIDO PORTINARI, WALTER BENJAMIN:

um pouco de loucura, outro tanto de infância em o alienista 138

Alexandre Fernandez Vaz

DA ARTE AUTORAL DE PORTINARI À ARTE PROCESSUAL: por uma estética

relacional na auto-eco-formação dos sentidos 159

Gabriela de Moraes Damé, Angélica de Sousa Marques, Paulo Renato V. Damé

Parte 2

MOVIMENTO EM TELA: Beatriz no balanço de Portinari..... 180

Débora Vanusa Brandalise

A OBRA DE PORTINARI MOVIMENTANDO A EDUCAÇÃO ESTÉTICA
NAS AULAS DE ARTES VISUAIS..... 222

Ana Maria Alves de Souza

CAPOEIRA E PORTINARI: a experiência estética e o ensino das
práticas corporais nos anos iniciais do ensino fundamental..... 249

Anderson José Libânio, Fábio Machado Pinto

Parte 3

BRINCANDO E APRENDENDO COM PORTINARI: um projeto interdisciplinar
do PIBID Educação Física no Ensino Fundamental 308

Mariana Mendonça Lisbôa, Roberta Rezende Torres, Olga Maria da Silva Bezerra Cavalcanti

A PONTE BRODOWSKI-CAMPECHE: uma resignificação das
brincadeiras por meio das obras de Candido Portinari..... 330

Lauryn Nunes de Quadros, Mariana Mendonça Lisbôa, Fábio Machado Pinto

APRENDENDO COM PORTINARI: o brincar como linguagem na
Educação Física Escolar 387

Matheus Odilon de Jesus, André Ribeiro Wolkmer

Parte 4

DE BRODOWSKI AO CAMPECHE: crianças e suas brincadeiras dois tempos, dois lugares.....	412
<i>Cláudia Cristina Carvalho, Melissa Weber, Edimara Castilho Cancian</i>	
TRILHANDO HISTÓRIAS DO CAMPECHE A BRODOWSKI POR MEIO DAS BRINCADEIRAS.....	434
<i>Fabiano Weber da Silva, Geisa Pires</i>	
CORPO, BRINCADEIRA, ARTE E EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA	469
<i>Carmen Lúcia Nunes Vieira, Simone Cristiane Silveira Cintra</i>	
POSFÁCIO: O BRASIL DE PORTINARI E A EDUCAÇÃO.....	502
<i>Ridha Ennafaa</i>	
POSFÁCIO: ESPERANÇAR	521
<i>Justina Sponchiado</i>	
SOBRE OS AUTORES:.....	527



Candido Portinari.
Menino, 1950.
Desenho, guache.
20x20cm

CORPO, BRINCADEIRA, ARTE E EXPERIÊNCIA NA INFÂNCIA

Carmen Lúcia Nunes Vieira
Simone Cristiane Silveira Cintra

RESUMO: O presente texto apresenta reflexões oriundas do envolvimento e da participação das autoras no que tange à etapa da Educação Infantil do Projeto de Extensão “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari”, proposto pela Universidade Federal de Santa Catarina (programa PIBID), desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Discutimos questões sobre corpo, experiências corporais, brincadeira, arte e experiências estéticas imbricadas à infância. Também tecemos considerações acerca de uma interconexão entre brincadeira e arte, o que se apresentou de suma importância para as reflexões e ações do próprio projeto. Tomamos por base Documentos Curriculares da Educação Infantil da Rede, assim como autores pertinentes às temáticas abordadas. Apontamos o êxito do projeto, sobretudo, no que se refere às diferentes linguagens na interconexão com a brincadeira. Já que trazer Candido Portinari (suas obras, história, cidade, brincadeiras de infância) estabeleceu um diálogo com a Educação Básica Municipal (suas crianças, seus profissionais e comunidade educativa, considerando seus lugares, infâncias e brincadeiras), conseguiu diversificar, ampliar e complexificar o repertório artístico, estético e cultural dos envolvidos. Por fim, consideramos que tal experiência educativa, na qual corpo, brincadeira e arte puderam ser vividos e experienciados na direção da experiência estética, pode, em alguns momentos, subverter e revolucionar aspectos que aprisionam no sistema educacional.

Palavras-chave: Brincadeira. Arte. Infância. Educação Infantil.

doi.org/10.55427/atelie.978-65-990871-1-0.013

BODY, PLAY, ART, AND E CHILDHOOD EXPERIENCING

ABSTRACT: *This text presents reflections arising from the involvement and participation of the authors regarding the Early Childhood Education stage of the Extension Project “Educational Experiences: Childhood and Education of the Body in the Work of Portinari”, proposed by the Federal University of Santa Catarina (PIBID program), developed in the Municipal Education System of Florianópolis. We discuss issues about the body, bodily experiences, games, art and aesthetic experiences intertwined with childhood. We also shaped considerations about an interconnection between play and art, which was of paramount importance for the reflections and actions of the project itself. Grounding in the System’s Curriculum Documents for Early Childhood Education, as well as relevant authors to the themes addressed. We point to the project’s success, above all, with regard to the different languages in the interconnection with playing. Since bringing Candido Portinari (his works, history, city, childhood games) established a dialogue with the Basic Municipal Education (its children, its professionals and the educational community, considering their regions, childhoods and games), it managed to diversify, expand and complexify the artistic, aesthetic and cultural repertoire of those involved. Finally, we consider that such educational experience, in which body, play and art could be lived and experienced in the direction of the aesthetic experience, can, at times, subvert and revolutionize aspects that imprison in the educational system.*

KEYWORDS: *Play. Art. Childhood. Preschool, Kindergarten.*

CUERPO, JUEGOS, ARTE Y EXPERIENCIA EN LA INFANCIA

RESUMEN: *El texto presenta reflexiones de la intervención y participación de las autoras en referencia a la educación infantil en el Proyecto de Extensión “Experiencias Educativas: infancia y Educación del Cuerpo en la Obra de Portinari”, propuesto por la Universidad Federal de Santa Catarina (programa PIBID), desarrollado por la Red Municipal de Enseñanza de Florianópolis. Discutimos cuestiones sobre el cuerpo, experiencias corporales, juegos, arte y experiencias estéticas interconectadas a la infancia. También tejemos consideraciones sobre la interconexión entre juegos y arte, lo que se presentó muy importante para las reflexiones y acciones del propio proyecto. Nos apoyamos en los Documentos Curriculares de la Educación Infantil de la Red, así como en autores pertinentes en relación con las temáticas abordadas. Señalamos el éxito del proyecto, sobre todo, en lo que se refiere a los diferentes lenguajes en interconexión con los juegos. Desde que Candido Portinari (sus obras, historia, ciudad, juegos de la niñez) estableció un diálogo con la Educación Básica Municipal (sus niños, sus profesionales y comunidad educativa, considerando sus sitios, niñez y juegos), logró diversificar, ampliar y complejizar el repertorio artístico, estético y cultural de los participantes. Finalmente, consideramos que dicha experiencia educativa, en que el cuerpo, los juegos y el arte pueden ser vividos y experimentados como una experiencia estética, puede, en ocasiones, subvertir y revolucionar aspectos que aprisionan en el sistema de enseñanza.*

PALABRAS-CLAVE: *Juegos. Arte. Infancia. Educación infantil.*

TRADUÇÃO INGLÊS: Beatriz Cintra Silva, Acadêmica Serviço Social. **REVISÃO INGLÊS:** Josy Nunes de Campos, Graduada em Português/Inglês.

TRADUÇÃO ESPANHOL: Carmen Lúcia Nunes Vieira, Doutora em Educação pela UFSC; **REVISÃO ESPANHOL:** Azucena Esteban Alonso, Doutora em Educação pela Universidade Valladolid.

REVISÃO TEXTUAL: Tiago Costa Pereira, Graduado em Jornalismo pela Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina. Mestre em Literatura e Doutor em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

*A paisagem onde a gente brincou
pela primeira vez não sai mais da gente.*
(Candido Portinari, 1929)¹

A escrita do presente texto surge a partir de reflexões oriundas da análise realizada pelas autoras, então designadas e responsáveis por emitir um parecer do Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFPAEI) da Diretoria de Educação Infantil (DEI) da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (SME), sobre a implementação do Projeto de Extensão “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari”, proposto pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Ministério da Educação (PIBID), na etapa da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF). Tal tarefa de análise possibilitou identificar um profícuo diálogo entre conceitos e ações do projeto e concepções orientadoras das práticas educativo-pedagógicas da Educação Infantil da RMEF. O que se intensificou ao participarmos de algumas das ações do projeto, sobretudo o Seminário “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de

¹ Vide página 415, deste livro.

Portinari”² e o processo de formação para a escrita de cada artigo que compõem este livro³. Assim, buscamos demarcar e detalhar conceitos que compõem o profícuo diálogo identificado. Os itens 2 e 3 do texto trazem o detalhamento referente às concepções de corpo, experiências corporais, brincadeira, arte, experiências estéticas e infância. O item 4 traz a interconexão entre brincadeira e arte, na qual o diálogo nos parece ainda mais profícuo, uma vez que o projeto também se constitui a partir dessa interconexão. Para tanto, tomamos por base Documentos Curriculares da Educação Infantil da RMEF,⁴ bem como o diálogo com alguns autores que lhes dão sustentação teórica e demais pesquisadores das temáticas abordadas.

² Seminário “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari”, realizado nos dias 9 e 12 de dezembro de 2019, no Centro de Educação Continuada da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. Atividade finalizada no Rancho do Pescador Getúlio, na praia do Campeche, em Florianópolis. Evento do qual participamos e cujo detalhamento consta na apresentação deste livro.

³ Processo realizado por uma equipe, formada por profissionais envolvidos no projeto, que se encontrou, virtualmente, durante o ano de 2020 e o primeiro semestre de 2021 para construir este livro coletivamente. Nos encontros de formação para a escrita, discutimos cada texto/artigo, assim como conceitos e noções orientadoras das nossas narrativas.

⁴ Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil (2010); Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2012); Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015a); Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2015b); A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016a); Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-raciais na Educação Básica (2016b). Base Nacional Comum Curricular e os Documentos Curriculares Municipais da Educação Infantil de Florianópolis: Recontextualização Curricular (2020).

2 SOBRE CORPO E EXPERIÊNCIAS CORPORAIS NA INFÂNCIA⁵

Brincadeiras

Elástico, banho de rio, pega-pega (com o Bambi, na rua ou nos galhos das árvores), pé-na-lata, esconde-esconde, bandeira-salva, pipa, fazendinha, carrinho, vendinha, loucinha de barro, casinha, bicicleta, jogo de taco, eram as brincadeiras mais fascinantes da minha infância. Lembro-me da sensação que cada uma proporcionava. Mas todas tinham algo em comum, a liberdade de escolha, de movimento, a rua, ninguém dizendo quem devia ou não brincar. Escolher ou ser escolhida pelas crianças maiores, mais velhos, amigos, irmãos, não importava, mas não ter nenhum adulto para dizer “faça isso ou aquilo” era fascinante. Essa era a minha hora, não eram muitas ao dia, mas eram minhas escolhas. Brigar, requerer uma posição qualquer de igual para igual, aceitar ou não a decisão dos amigos, começar e terminar a brincadeira a bel-prazer, era experimentar algo do mundo adulto. Todas essas brincadeiras eram um mundo em particular e me sentia viva em cada uma delas, meu corpo estava ali sentindo cada prazer, dor, cansaço e desejo que pudessem exigir.

Excerto de “Algumas Lembranças: estilhaços de uma infância”.
(NUNES-VIEIRA, 2016, p. 45).

Discussões sobre o corpo, ou a dimensão corporal do humano, ganham força e espaço já há algum tempo na atual sociedade, seja em revistas e programas que indicam a imagem de um corpo perfeito ou nos avanços dos tratamentos estéticos e do mercado da beleza, que anunciam, de certa

⁵ Esse item retoma, em alguns momentos e de alguma forma, ideias (em especial, as sobre experiências corporais na infância) apresentadas na tese “Experiências (Corporais) da Infância em Memórias de Professoras” (NUNES-VIEIRA, 2016).

forma, o prolongamento da juventude. Ainda, em práticas esportivas que se aliam ou ao desempenho e à eficiência (no caso do alto rendimento) ou aos discursos da área da saúde (quando praticados moderadamente). Incluímos aqui, com algum cuidado, práticas alternativas, como yoga, pilates etc. Todas com anúncios de bem-estar e corpo saudável. Sabemos que tais aspectos se apresentam às crianças desde a mais tenra infância e adentram ao âmbito educacional, já na Educação Infantil.

Destacamos aqui que tais debates não nos passam despercebidos. Por isso a importância de demarcar que, quando falamos de corpo, do nosso e das crianças, o entendemos não só como reduto de nossas mazelas (violências, tabus, dores, imperfeições etc.), mas também de nossa sensibilidade (afetos, desejos, sentimentos e emoções). Portanto, carrega, além de características e funções anatomorfofisiológicas, as marcas daquilo que vivemos e experienciamos ao longo de nossas vidas, quanto às relações sociais e culturais.

Silva (2010), em “Corpo em movimento na Educação Infantil: a cultura corporal e os conteúdos/linguagens”, propõe pensar o corpo em movimento das crianças nos ambientes das unidades educativas de Educação Infantil, considerando as categorias dialéticas implícitas no “movimento” do “corpo produtivo” e do “corpo brincante” e anuncia a ideia de um “corpo produtivo”, em dualidade ao “corpo brincante”, na atual sociedade capitalista em que vivemos:

A ideia de corpo portador de repressões sociais e da mais profunda servidão e exploração humana engendrados pelo capitalismo, como por exemplo, o “corpo produtivo”, que opera através da mediação entre o social e o biológico sob a égide do trabalho socialmente necessário (trabalho produtivo) (MARX,1980), cujo fim único é trabalhar para manter-se e satisfazer as necessidades básicas e, conseqüentemente, produzir/trabalhar para tornar mais rentável o capital. [...] Em contrapartida é esse mesmo corpo social que, contraditoriamente, se insurge como emissário de expressão, utopia, liberdade, luta e resistência: “o corpo brincante” (SILVA, 2003). “o mesmo pé que dança o samba – vai à luta...”. (SILVA, 2010, p. 79).

Concordamos com Silva, quanto à dialética da dimensão corporal e as possibilidades do corpo brincante, mas, e, sobretudo, com Le Breton (2006, p. 7), quando diz que “[...] antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. E quando tratamos das crianças, e sua educação, partimos de tal premissa, já que experimentam o mundo assim, corporalmente e brincando, ou seria, brincando corporalmente.

Trazemos ao diálogo a última frase da epígrafe “todas essas brincadeiras eram um mundo em particular e me sentia viva em cada uma delas, meu corpo estava ali sentindo cada prazer, dor, cansaço e desejo que pudessem exigir”. O que revela na rememoração das brincadeiras de infância, de uma das autoras do presente texto, a imbricação entre corpo e brincadeira na infância, mas,

especificamente para dizer das possibilidades das “experiências” corporais na infância.

Concordamos com Walter Benjamin que “[...] todo hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira”. (BENJAMIN, 2002, p. 102). Desse modo, reforçamos que a pesquisa de Nunes-Vieira (2016), ancorada no mesmo autor, confirma que: as brincadeiras são conteúdo constante das recordações da infância. E há um momento mimético a formar o sujeito, que se materializa nas brincadeiras infantis e que depois se incorpora como recordação. Assim, atingem a formação subjetiva em dois planos: na experiência infantil e no ato de sua rememoração (NUNES-VIEIRA, 2016). Tal perspectiva aponta à possibilidade de experiência contida na brincadeira infantil e nos remete, também, à ideia de que a atualização da experiência é em si experiência⁶. E, sobretudo, que a criança, via brincadeira, tem a possibilidade de experimentação e intercâmbio de suas experiências. Pois, “quanto mais se perde”, “mais se encontra” com “vitórias,

⁶ Aqui o significado da experiência é tomado como “[...] a interiorização subjetiva, a condição daquele que viajou muito – no espaço e no tempo especializado –, que presenciou corporalmente e que incorporou pelo aparato sensorial, ou então aos que ouviram as narrativas”. Ainda, “[...] se a experiência é aquela tessitura objetiva e subjetiva, que se vitaliza apenas quando pode ser narrada, compartilhada, trazida ao plano da consciência, é porque, de fato, narrar e curar se cruzam no encontro entre corpo e pensamento, entre os sentidos humanos, capazes de interagir, e os significados, os conceitos, que elucidam e rompem com o passado mítico que aprisiona, que adocece”. (VAZ, 2010, p. 38-43).

triunfos”, mas também, “frustrações”, pela experiência da própria brincadeira. E se:

O adulto, ao narrar uma experiência, alivia seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. Talvez resida aqui a mais profunda raiz para o duplo sentido nos “jogos alemães” repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum. A essência do brincar não é “um fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. (BENJAMIN, 2002, p.101-102).

Consideramos a importância que Walter Benjamin atribui à narração para a atualização da experiência sensorial do narrador (que viveu, ouviu, viu um fato), sendo que a retransmissão da história narrada por quem a ouviu (o ouvinte) é condição essencial para a sobrevivência da narrativa, conseqüentemente, condição essencial para atualização da própria experiência. Também, atentas aos alertas, sobre o declínio da arte de narrar no mundo contemporâneo, assim como de termos mais “vivências” e menos “experiências”, no sentido substancial “experiência comunicável”. Como o próprio diz: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a de intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 2008, p. 198). Ainda assim, apostamos na potência das experiências, em especial na infância, e como próprio Benjamin anuncia por uma determinada “capacidade mimética” e de experimentação que se apresenta via brincadeira.

Nessa perspectiva, a experiência das crianças apresenta tal “capacidade mimética”, de experimentação, que de alguma maneira foi sabotada e se apresenta limitada e/ou adormecida entre os adultos, mas reside nas brincadeiras infantis. Pois, “[...] os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moínho de vento e trem”. (BENJAMIN, 2008, p. 108). Portanto, o conteúdo imaginário da brincadeira não é determinado pelo brinquedo, objeto do brincar, mas sim, pela própria ação da criança.

Ainda que a criança, com sua maneira de ser, de agir, de imaginar, e com a capacidade de mimetizar – de se transmutar em um objeto ou pessoa, que volta a ser ela mesma quando quer, ou seja, com a capacidade de “produzir semelhanças” – determine o conteúdo da brincadeira no ato de brincar e não o contrário, de forma alguma a brincadeira está desvinculada do mundo adulto. Dito de outra forma, as crianças, suas brincadeiras, seus jogos e brinquedos estão inseridos no mundo adulto, da cultura e da sociedade em que vivem e brincam. Assim:

As crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo. (BENJAMIN, 2002, p. 94).

A brincadeira é, portanto, expressão do mundo adulto. E como anuncia Brougère (2000, p. 98), “aprende-se a brincar”. E o próprio autor alerta: é preciso estar atento às contradições da própria brincadeira, já que ela pode ser expressão também de práticas conformadoras. Por exemplo, brincadeiras com e para determinado gênero; as relações de dominação entre etnias; ou ainda, das relações de classes que se aprende brincando. Podemos retomar alguns parágrafos acima e pensarmos na condição do corpo e sua dualidade “corpo produtivo” e “corpo brincante”, faces de um mesmo corpo social.

Esse alerta referente às ambiguidades (tanto da dualidade do “corpo social”, como da brincadeira) é importante, em especial, quando relacionado ao contexto das instituições educacionais que atendem a infância. Aqui, reportamo-nos, em especial à Educação Infantil, em que a brincadeira é eixo estruturante e estruturador das relações e práticas educativo-pedagógicas, e, por consequência, perpassa toda atuação docente. Porém, o alerta vale para todo o âmbito educacional. Nesse sentido, concordamos com a afirmação de que a brincadeira “[...] é um espaço de socialização, de domínio da relação com o outro, de apropriação da cultura, de exercício da decisão e da invenção”. (BROUGÉRE, 2000, p. 103-104). Mas é ambígua e pode ser mais um lugar de conformismo, por isso “[...] não se pode confiar na brincadeira, mas não se pode evitar um convite para a brincadeira”. (BROUGÉRE, 2000, p. 103-104).

Reiteramos que apostamos na potência da brincadeira, já que ela se apresenta como possibilidades de experiência das crianças, que, brincando, corporalmente, vão estabelecendo relações com o próprio mundo, com as outras crianças, com os adultos. Dessa maneira, vão não somente se apropriando da cultura, mas também produzindo cultura à medida que reinventam seus modos de ser e estar no mundo e deixam as marcas do novo, no velho mundo. Brincar, movimentar-se, expressar-se por meio de elementos das linguagens da arte (dançar, dramatizar, cantar, desenhar, fotografar, compor etc.), é do que as crianças precisam. É disso que se trata a infância, de se relacionar e de experimentar, corporalmente, o mundo, “experiências” indissociáveis de um “corpo brincante” e sensível.

3 SOBRE ARTE E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA INFÂNCIA

A arte é uma roda girando em torno de um eixo imóvel que não podemos pegar nem definir (BROOK, 1999, p.79). Impossível não querer, se não desvendar, ao menos me aproximar do seu mistério. O teatro, desde as primeiras vezes que o vivenciei, exerceu grande influência e fascínio sobre mim, determinando minhas escolhas futuras. No palco, o dilema da existência ausentava-se e sentir a sua ausência era a melhor das sensações. No início bastava, mas com o passar dos anos, começou a incomodar e a gerar questionamentos. Fazer teatro deixou de ser suficiente, sua magia me intrigava. Qual seria o seu segredo? Por que, apesar de ignorado ou rejeitado por uns, era tão vital e amado por outros? Enfim, qual seria a sua função na vida dos homens? (CINTRA-SILVA, 2002, p. 83).

Pontuar ou discutir as diferentes formas de se definir arte⁷, independentemente da linguagem artística em questão, não é tarefa fácil, tampouco almejamos realizá-la neste texto. Contudo, perseguir modos de ampliar a compreensão, reflexão e o debate acerca da sua “função” – ou melhor, dizendo, de suas relações e implicações na vida humana e, de forma mais pontual, em processos de educação formal – tem constituído nossos percursos de estudo e prática docente. Nesse sentido, na esteira de escritas anteriores, propomo-nos a colocar em diálogo formas de abordar a arte e suas relações com a infância e a educação das crianças.

A arte nem sempre foi entendida como conhecimento e como componente curricular em nosso país. O texto “PCN-Arte para o Ensino Fundamental” (BRASIL, 2000, p. 30) traz trechos sobre a história desse processo:

Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (art. 26, § 2º).[...]

⁷ Há autores que utilizam o termo “artes” na perspectiva de englobar as diferentes formas de arte. Entretanto, entendemos que a grafia do termo no singular demarca a sua constituição como “[...] área do conhecimento que abraça a dança, a música, o teatro e as artes visuais (pintura, cinema, fotografia, entre outras) – portanto traduz-se em diferentes âmbitos, cada qual com a sua especificidade”. (LEITE, 2005, p. 95).

É com este cenário que se chegou ao final da década de 90, mobilizando novas tendências curriculares em Arte, pensando no terceiro milênio. São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade. (BRASIL, 2000, p. 30).

A incorporação prevista em lei foi um passo importante e nos ajuda na compreensão do trabalho a ser realizado junto às crianças, mas a sua efetivação permanece em curso. Ainda somos interpelados por estudos que abordam, e trazem à discussão, cotidianos educativos nos quais as crianças somente têm acesso a práticas de desenhar, dramatizar, cantar, entre outras formas de expressão artística, em momentos festivos, para relaxar, como estratégia para o ensino de valores e/ou conteúdos de outras áreas do conhecimento ou como meio de tornar a aprendizagem lúdica e prazerosa. Identificamos essas práticas como utilitárias, nas quais a arte perde sua especificidade; bem como sua potência intrínseca é secundarizada ou mesmo desconsiderada. Como escreveu Sonia Kramer (1998, p. 210),

[...] para ser educativa, a arte precisa ser arte e não arte educativa; do mesmo modo, para ser educativo, o museu precisa ser espaço de cultura e não um museu educativo. É na sua precípua ação cultural que se apresenta a possibilidade de ser educativo. O museu não é um lugar de ensinar cultura, mas, sim, lugar de cultura.

Para ampliar o diálogo acerca das questões trazidas por Kramer, apresentamos as abordagens contextualista e essencialista, descritas por Elliot Eisner (1972), cuja intenção foi categorizar as formas pelas quais a função educacional da arte tem sido justificada, e apresentadas, também, por Ingrid Koudela (1990) a partir dos estudos de Eisner.

A abordagem contextualista “[...] enfatiza as consequências instrumentais da arte na educação”. (KOUDELA, 1990, p. 17). Já a essencialista “[...] considera que a arte tem uma contribuição única a dar para a experiência e a cultura humanas, diferenciando-a de outros campos de estudo”. (KOUDELA, 1990, p. 18). Eisner pontua aspectos que compõem a especificidade da arte defendida pelos essencialistas:

O valor primeiro da arte reside, a meu ver, na contribuição única que traz para a experiência individual e para a compreensão do homem. As artes visuais lidam com um aspecto da consciência humana a que nenhum outro campo se refere: a contemplação estética da forma visual. As outras artes lidam com outras modalidades sensoriais diferentes, enquanto as ciências e as artes práticas têm outros objetivos. (EISNER *apud* KOUDELA, 1990, p. 18).

Vemos, portanto, que o autor se refere às modalidades sensoriais como elementos constitutivos e específicos das diferentes formas de arte; corrobora com a ideia de que as diferentes formas de arte são conhecimentos estéticos,

construídos pelos sentidos e pela percepção, possuindo, assim, características que os constituem e os diferenciam de outras formas de conhecimento; bem como advoga pelo reconhecimento dessas características nas propostas de educação em que a arte se faz presente (DEBUS; CINTRA, 2014, p. 84). Características sobre as quais discorreremos um pouco mais, uma vez que seu reconhecimento orienta nossas práticas docentes e as reflexões trazidas para este texto. Entretanto, na impossibilidade de abordá-las na sua integralidade, buscamos por aquelas que, a nosso ver, são imprescindíveis ao encontro e às relações entre arte, educação e infância.

Começamos pelo entendimento da “[...] arte como linguagem, como uma forma de representação e expressão, que opera por meio de cores, formas, linhas e volumes, gestos e sons para criar imagens [...]” (ALBANO, 2004, p. 46), que opera, também, por meio de palavras – se considerarmos a linguagem literária que não se configura informativa, mas ficcional. Uma linguagem constituída por “[...] formas marcadamente disruptivas, abertas, transgressoras, não padronizadas e autorais [...]” (FLORIANÓPOLIS, 2021, no prelo), com seus próprios elementos, códigos e materiais que se alteram à medida que também se alteram a humanidade, suas necessidades e formas de expressão. Como escreveu Ostetto (2010, p. 55-56),

[...] não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras: a arte é “um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer” (PAREYSON apud MARTINS *et al*, 1998, p. 55). Pesquisar, mergulhar no desconhecido para testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados integram o fazer artístico.

Nas palavras de Marilena Chaui, a arte é uma “linguagem instituinte”, que muito se difere da linguagem cotidiana:

A linguagem que falamos cotidianamente é a *linguagem instituída*, uma “fala falada”, em que reproduzimos as significações das palavras, sem pensar nelas. A linguagem do poeta, do romancista, do contista é uma *linguagem instituinte*, criadora, inventora de significações novas, uma “fala falante”.

[...]

A literatura, como a pintura, a música, a escultura e qualquer das artes é a passagem do *instituído* ao *instituinte*, ou seja, uma transfiguração do existente numa outra realidade que o faz renascer e ser de maneira inteiramente nova. A transformação ou transfiguração da realidade numa outra, nova e existente apenas no trabalho realizado pelo artista, chama-se **obra**. (CHAUI, 2009, p. 190, grifos da autora).

Chauí (2009) chama a atenção para o trabalho do artista que, de forma intencional, faz a transfiguração, cria o novo. A autora, ao pontuar a diferença

e, ao mesmo tempo, a relação entre a linguagem cotidiana (instituída) e a linguagem da arte (instituinte), evidencia uma das especificidades desse campo de conhecimento: seu aspecto inaugural e autoral. Na arte não há espaço para o já existente, ordinário, para a uniformidade, pois ela “[...] se define justamente pela diversidade, por propor algo que é pessoal e único”. (ALBANO, 2013, p. 71). Mesmo que suas linguagens empreguem e se construam pelas mais cotidianas das situações ou pelo mais conhecido dos objetos, o resultado trará a novidade, oferecida aos nossos sentidos e à nossa inteligência, de forma a também gerar o novo, uma vez que a recriação foi realizada, a obra foi criada.

O que há de mais espantoso nas artes é que elas desvendam ou descobrem o mundo recriando-o de outra maneira e em outra dimensão. Justamente porque recriam o mundo com palavras, sons, traços, cores, gestos, movimentos, formas, massas, volumes a realidade criada não está *aquém* nem *além* da obra, assim como não *está* na obra, mas é a própria obra de arte. (CHAUI, 2009, p.190, grifos da autora).

Entendemos que as características da arte como linguagem trazidas até aqui, apesar de sucintas, podem, em alguma medida, possibilitar a tecitura de aspectos que compõem a relação entre arte e infância. Sonia Kramer, baseada em estudos de Walter Benjamin, pontua que “[...] interessadas em brinquedos e bonecas, atraídas por contos de fadas, mitos, lendas, querendo aprender e criar,

as crianças estão mais próximas do artista, do colecionador e do mágico, do que de pedagogos bem intencionados” (2007, p. 16). Longe de criticar ou culpabilizar a pedagogia, suas e seus profissionais, compreendemos a partir de Benjamin a proximidade e afinidade que as crianças demonstram com os artistas e, também, com as formas constitutivas da arte, de seus processo criadores e produções (as obras de arte).

Por sua vez, essa assertiva nos traz de volta à discussão do reconhecimento das características e especificidades da arte nos processos educativos. Pois, para ampliar e potencializar ainda mais a aproximação e o interesse das crianças sobre os artistas e suas produções, necessitamos de práticas educativo-pedagógicas pautadas na arte como conhecimento e linguagem; e não de práticas pautadas na arte “[...] como instrumento pedagógico (...), transformando-a em ‘teatrinho’, ‘musiquinha’ etc.” (LEITE, 2005, p. 96).

Carlos Drummond de Andrade, em 1974, em um artigo para o “Jornal do Brasil”, questiona as práticas que visam à instrumentalização da arte:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND, 1974, s.p.).

O que Drummond indica em sua reflexão se aproxima da ideia de Kramer (1998, p. 210): “[...] a arte precisa ser arte e não arte educativa”. O poeta reflete, também, acerca da relação da arte com outras áreas de conhecimento, não de forma subserviente, mas sim de forma igualitária, respeitando sua função precípua. É inegável a importância dessa relação. Entretanto, é necessário considerar que para que a arte possa participar dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças – de forma igualitária aos demais conhecimentos historicamente produzidos – seus elementos, códigos, criações, criadores e histórias precisam estar presentes nas diferentes etapas da educação, não como atividade, mas sim como possibilidade de aceder à experiência poética, como diz Drummond, e estética. Nesse sentido, falar das características constitutivas da arte, e de como elas podem integrar o encontro e as relações com a educação e a infância, passa, necessariamente, pelo debate acerca da experiência estética, uma vez que a arte constitui uma das principais formas de acedermos a esta experiência.

A arte, em suas diversas expressões, desnaturaliza o olhar, fazendo-nos compreender o quanto o olhar acostumado não vê. A experiência estética proporcionada na relação com as obras (sejam elas de que linguagens forem) faz com que possamos viver cada momento de forma mais intensa e sempre inaugural, trazendo-nos a desacomodação das percepções e o distanciamento necessário para o estranhamento. (CINTRA; LEITE, 2014, p. 52).

Entretanto, a experiência estética, acertadamente, associada à arte, não está restrita a ela, “[...] pode ocorrer também em situações cotidianas, assistindo a um jogo, vendo uma tapeçaria, diante de cenas da natureza, ouvindo música, lendo uma poesia, etc. A estética se relaciona com a nossa capacidade de aprender a realidade pelos canais da sensibilidade”. (HERMANN, 2014, p. 124 *apud* CORRÊA; OSTETTO, 2018, p. 26). Da mesma forma que a nossa relação com o mundo pode se distanciar dos sentidos, da sensibilidade, colando-se apenas ao cotidiano, ou ainda, aprisionada a ele. Zanella amplia esta questão:

Pessoas concretas, marcadas pelas condições sociais e históricas que as forjaram podem estabelecer relações de variadas formas com a realidade, com os outros e consigo mesmos, **relações** essas que podem ser **prático-utilitárias** ou **estéticas**. Enquanto as primeiras caracterizam o plano da cotidianidade, estas últimas destacam-se na medida em que possibilitam ao sujeito deslocar-se da realidade vivida e imergir em outra, mediada por novos sentidos que contribuem para o redimensionamento e re-significação do próprio viver/existir. (ZANELLA, 2006, p. 144, grifos nossos).

Assim, nossas relações com a arte (não apenas de maneira apreciativa, mas, também, por meio da experimentação de seus elementos e materiais), com outras expressões culturais, com espaços e seres da natureza, interpessoais ou com nós mesmos, podem, ou não, ser estéticas. No entanto, na maioria das vezes, não

o são, já que para se constituírem, ainda que potencialmente, estéticas, “[...] requerem, sobretudo, descompressão de tempo (nada de pressa!): calma para entrar em relação, para perceber, para sentir, para conectar, para transbordar, para emocionar, para significar, e para reatualizar” (FLORIANÓPOLIS, 2021, no prelo). Condições pouco ou nada favorecidas por nosso viver social.

Flávio Desgranges (2010) discute justamente a nossa quase inabilidade, em especial, a partir da Era Moderna, em nos desprendermos das “relações prático-utilitárias” (ZANELLA, 2006, p. 44). Baseado em Walter Benjamin, indica a “[...] perda da capacidade do indivíduo de engendrar experiências significativas” (DESGRANGES, 2010, p. 69). O autor pontua que

[...] a percepção sensível do indivíduo, desde a instauração dos ditames da vida moderna, está premida por uma vivência urbana marcada pelos choques do cotidiano, pela padronização gestual, pelo consciente assoberbado e pelo desestímulo à atuação de outras formações da psique. (DESGRANGES, 2010, p. 69).

E acrescenta:

Os acontecimentos dispersos de um cotidiano fragmentado e funcional, bem como a overdose de conteúdos informacionais prioritariamente veiculadas pelos meios de comunicação, privilegiam uma operação psíquica meramente instrumental, em que o consciente se desdobra para receber e catalogar eventos. Este treinamento diário intermitente para uma atuação exagerada

do consciente torna a psique pouco disponível para engendrar produções sensíveis, para além do mecanismo de estímulos e respostas rápidas que fazem apelo a uma racionalidade operacional. (DESGRANGES, 2010, p. 69-70).

Destacamos a importância de pensarmos a racionalidade operacional, apontada pelo autor, na relação com os contextos educativos. Uma vez que:

As instituições de escolarização formal têm grande responsabilidade nesse processo, pois historicamente têm servido à limitação de olhares, à restrição do que é múltiplo, à negação do que é plural, ao controle do que poderia ali ter expressão. Seus espaços, a estética, luzes e cores, os movimentos permitidos e proibidos, os rituais que pouco se renovam, as (poucas) falas consentidas, os saberes que podem ali transitar e os que são desautorizados, os corpos acolhidos e os condenados à reprovação, o que se fala e o que se silencia, vários são os aspectos que constituem as (im)possibilidades (in)sensíveis de alunos(as), professores(as) e todas as pessoas que (re)produzem cotidianamente as escolas e aí se (re)produzem. (ZANELLA, 2006, p. 145-146).

Nesse sentido, reiteramos a necessidade, ainda presente em nossos dias, em pensarmos as unidades educativas como *locus* para possíveis quedas da hegemonia da racionalidade operacional, forjando brechas para: ativar e aguçar os sentidos dos que ali convivem; para a construção de relações educativo-pedagógicas pautadas na indissociabilidade entre razão e emoção; para a

ampliação das formas de olhar o mundo; “[...] para, associando o olhar aos demais sentidos, provocar a reflexão crítica, num movimento permanente de sucessivas rupturas e desacomodações”. (LEITE, 2005, p. 97).

4 SOBRE BRINCADEIRA E ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança brinca porque não poderia viver de outra forma.
Por isto desenha, por isto cria: porque brinca.
(ALBANO, 2013, p. 32).

Ao discorrermos, nos itens anteriores, sobre questões que dizem respeito ao corpo, à arte, conseqüentemente, experiências corporais e estéticas, imbricadas à infância e sua educação, a brincadeira foi intrinsecamente abordada, em especial quando nos referimos ao contexto educacional, e ainda mais especificamente à Educação Infantil. Nesse sentido, brincadeira e arte estão intimamente relacionadas: a brincadeira estimula a imaginação, ultrapassa a si mesma. A arte cria, recria o já estabelecido, desaprisiona. Ambas têm possibilidade de subverter, de revolucionar a ordem estabelecida. É nessa interconexão que entendemos arte e brincadeira na Educação Infantil, como possibilidade de experiência, aquela que se dá via sentidos, corporalmente. Perspectiva apontada nos Documentos Curriculares da Educação Infantil da RMEF e que se encontra em forte consonância com concepções e práticas dos Núcleos de Educação Infantil Municipais (NEIM) e do projeto “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari”, que, por sua vez, considera:

[...] a arte e educação em sua dimensão transformadora, criativa, de conhecimento vinculado a forte articulação entre o conceito e a técnica, teoria e prática. Surge desta tensão uma Pedagogia colaborativa, relacional, criativa e transformadora tendo a obra de Portinari como referência, demarcando sobretudo a importância do brincar, brinquedos e jogos que transcendem as barreiras geracionais, ou ainda que se expressam comunitariamente como pulsão para vida. (PINTO, 2019, p. 5).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) determinam que “[...] as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2010, p. 25). A partir das DCNEI, a RMEF estabelece sua organização curricular⁸ por Núcleos de Ação Pedagógica (Relações Sociais e Culturais; Linguagens Oral e Escrita, Visuais, Corporais e Sonoras; Relações com a Natureza) e a brincadeira como eixo estruturante e estruturador das práticas educativo-pedagógicas na Educação Infantil, uma vez que a brincadeira estrutura as relações entre as crianças. Nesse sentido,

[...] assumir a brincadeira como eixo estruturante para pensar, planejar e sistematizar as ações a serem realizadas com as crianças é fundamental quando se parte da perspectiva de que essa é uma atividade constitutiva, que estrutura a subjetividade.

⁸ Tal organização curricular é apresentada e sustentada conforme o conjunto de documentos curriculares da RMEF. – já referenciado na nota 4.

Compreendemos a brincadeira como atividade infantil que possibilita experimentar o mundo, ou seja, conhecer, compreender e agir sobre o mesmo, ou dito de outra forma a brincadeira se constitui possibilidade de experiência⁹. A experiência¹⁰ constitui o campo em que a criança constrói e amplia repertórios, conhecimentos. Walter Benjamin anuncia sobre a potência revolucionária da experiência: à medida que a criança vai conhecendo e se apropriando do mundo, ela ultrapassa o já conhecido e a si mesma. (FLORIANÓPOLIS, 2021, no prelo).

Seguindo a mesma perspectiva, “[...] a brincadeira pode, também, ser assumida como linguagem, uma vez que, quando a criança brinca, comunica algo ao outro”. (FLORIANÓPOLIS, 2021, no prelo). Assim, a brincadeira é, de certa forma, narrativa da infância e, também, materialização do acervo imagético

⁹ “Muitas vezes, a ideia de experiência é confundida com a de vivência [...]. Somos expostos cotidianamente a inúmeras situações, às vezes conhecidas, outras vezes novas. Mas nem todas se constituem em experiência educativa. Uma análise de um dia vivido na instituição de Educação Infantil pode apontar uma lista de inúmeras atividades pelas quais as crianças e professores passam e que pouco as afetam. Atividades com pouco ou nenhum desafio [...]. Mas a mais importante característica dessa experiência reside na sua capacidade de transformação. A experiência é fruto de uma elaboração, portanto, mobiliza diretamente o sujeito, deixa marcas, produz sentidos que podem ser recuperados na vivência de outras situações semelhantes, portanto, constitui um aprendizado em constante movimento. Aprender em si mesmo, como processo que alavanca o desenvolvimento, é uma experiência fundamental às crianças e compromisso de uma boa instituição educativa” (AUGUSTO, 2013, p. 20 *apud* FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 10).

¹⁰ A experiência (Erfahrung) se contrapõe à vivência (Erlebnis). No lugar da primeira, coloca-se um outro modo de percepção e relação com o mundo, vivida de maneira individualizada. A experiência ultrapassa o tempo vivido; a vivência é o efêmero, a novidade, ela se consome, se gasta no momento em que é realizada (BENJAMIN, 1985; BENJAMIN, 2008).

e simbólico da criança no mundo. A criança não tem elementos conceituais para narrar, e no seu lugar ela joga, brinca, representa e atualiza a experiência. Ela não conta, necessariamente, para os ouvintes, mas também para si e à medida que se apropria do mundo, ultrapassa o conhecido e a si mesma.

Para a criança entrar no mundo do adulto, na cultura, ela deve dominar as variadas linguagens e formas de simbolização e comunicação: a fala, a encenação, a pintura, os sons, a música, a construção e uma profusão de outras linguagens. Essas linguagens são vividas pela criança como brincadeira, que é a forma mais significativa que ela tem de agir no mundo e de se desenvolver. Para a criança, a linguagem é brincadeira e a brincadeira é linguagem. (FERREIRA, 2013, p. 14).

A interconexão entre brincadeira e arte, aquela que possibilita a experiência que se dá corporalmente, via sentidos, por nós apontada, assim como a brincadeira como linguagem, pela qual a criança age no mundo, apontada por Ferreira (2013), aparecem em ações do projeto “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari” em momentos vividos pelas crianças, como estão relatados ao longo deste livro.

Percebemos tal interconexão em alguns momentos por nós experienciados, como em nossa participação no Seminário, em especial, no evento do rancho do pescador na praia do Campeche. Nessa ocasião, crianças da Educação Infantil e do primeiro ano da Educação Fundamental do município experienciaram a

interconexão entre brincadeira e arte, disseram de si e do mundo ao brincarem juntas e, mais uma vez, vivenciarem ações do projeto. Ações também documentadas por imagens e palavras que compunham a estética do espaço; festejadas com músicas tocadas e cantadas por artistas da comunidade, pela brincadeira de boi de mamão e tantas outras que se espalhavam pelos barcos, árvores e areia da praia.

ALGUMAS NOTAS PARA CONCLUIR

A partir de nossa participação e envolvimento, pudemos constatar a abrangência e o êxito do Projeto “Experiências Educativas: Infância e Educação do Corpo na Obra de Portinari” e de suas ações na Educação Básica, de forma mais pontual na Educação Infantil, principalmente em relação às diferentes linguagens na interconexão com a brincadeira.

Ao trazer Portinari, suas obras, suas brincadeiras de infância, sua época e cidade natal para o diálogo com crianças da Educação Básica do município de Florianópolis, seus lugares, comunidades, suas infâncias, brincadeiras e formas particulares de aprender, participar e se expressar, o projeto conseguiu diversificar, ampliar e complexificar o repertório artístico, estético e cultural das crianças, bem como dos profissionais e da comunidade educativa.

No que pudemos acompanhar de suas ações desenvolvidas na etapa da Educação Infantil, no e pelo NEIM Campeche, também, na perspectiva da

articulação com o primeiro ano do Ensino Fundamental, reconhecemos que suas relações educativo-pedagógicas contemplaram conceitos que buscamos estabelecer e reiterar ao longo deste texto. Importa considerar que a própria estrutura do projeto e a forma como profissionais do NEIM se engajaram em suas ações foram determinantes para que isso ocorresse. O que corrobora com o diálogo profícuo identificado, quer seja entre conceitos e ações do projeto, quer seja entre concepções orientadoras das práticas educativo-pedagógicas da Educação Infantil da RMEF.

Para finalizar, agradecemos a oportunidade de conhecer e participar dessa experiência educativa que, em alguns momentos, pôde subverter e revolucionar aspectos aprisionantes do sistema educacional. Experiência na qual corpo, brincadeira e arte puderam ser vividos e experienciados por crianças, adolescentes e adultos de forma potente, na direção da experiência estética.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Ana Angélica. A arte como base epistemológica para uma pedagogia da infância. In: **Caderno Temático de formação II: Educação Infantil** construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Janeiro de 2004. Disponível em: http://arqs.portaleducacao.prefeitura.sp.gov.br/publicacoes/CadernosTematicos/caderno_tematicoII.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.
- ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (1976). A educação do ser poético. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1974.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002. 3ª reimpressão.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política** (1985). São Paulo: Brasiliense, 2008. 11ª reimpressão.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (ensino fundamental)**. 2. ed. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 maio 2021
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CHAUI, Marilena. O Universo das Artes. In: CHAUI, Marilena. *Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- CINTRA, Simone Cristiane Silveira; LEITE, Maria Isabel. Experiências museais na formação de educadora(e)s da infância: ver(-se) e permitir ver(-se). **Revista Imaginar** (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual), v. 57, p. 50-57, 2014.
- CINTRA-SILVA, Simone Cristiane Silveira. **No caminho do mito: um olhar sobre o processo de criação de Nonoberto Nonemorto – Grupo Andaime de Teatro- UNIMEP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2002.
- CORRÊA, Carla Andréa; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre formação estética e docência: as professoras de educação infantil desejam mais arte!. **Laplace em Revista** (Sorocaba), v. 4, n. Especial, p. 23-37, set-dez.2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330084700_Sobre_formacao_estetica_e_docencia_as_professoras_de_educacao_infantil_desejam_mais_arte. Acesso em: 10 maio 2021.
- DEBUS, Eliane Santana Dias; CINTRA, Simone Cristiane Silveira. Encontros com a Literatura Infantojuvenil: experiências de fruição e criação poética na formação artístico-cultural de educadora(e)s e crianças. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico (Org.). **Literatura infantojuvenil e leitura: novas dimensões e configurações**. 1. ed. Erechim: Habilis, 2014, v. 1, p. 69-87.
- DESGRANGES, Flávio. Um gosto de caju: em busca do efeito estético. **aParte XXI: Revista do teatro da Universidade de São Paulo**, n. 3, p. 63-72, 2010.
- EISNER, Elliot. *Educating Artistic Vision*. New York: Macmillan, 1972.

- FERREIRA, Paulo Nin. Infância, Arte e Cultura. **Revista Pátio**: Educação Infantil. Ano XVI, n. 37, p. 12-15, out./dez. 2013.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil**. Florianópolis: Prelo, 2010.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis**. Florianópolis: Prelo, 2012.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: GGP Solutions, 2015a. v. 3.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares para Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis, 2015b.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: GGP Solutions, 2016a. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Matriz curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica**. Florianópolis: GGP Solutions, 2016b.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Base Nacional Comum Curricular e os Documentos Curriculares Municipais da Educação Infantil de Florianópolis**: recontextualização curricular. Florianópolis, 2020. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=legislacao++leis+e+orientacoes+++dei&menu=10&submenuid=254>. Acesso em: 10 maio 2021.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis**. Florianópolis, 2021. No prelo.
- KRAMER, Sônia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar em museus. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (Org.). **Infância e Produção Cultural**. São Paulo: Papyrus, 1998. p. 199-215.
- KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de Nove Anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1990.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- LEITE, Maria Isabel. Educação Estética e Infância. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória: UFES, v. 11, n. 22, p. 94-105, jul./dez. 2005.
- NUNES-VIEIRA, Carmen Lúcia. 2016. 188p. **Experiências (corporais) da infância em memórias de professoras**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/176013>. Acesso em: 10 maio 2021.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil, arte e criação: ensaios para transver o mundo. In: **Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil**. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo, 2010.

PINTO, Fábio Machado. **Projeto Experiências Educativas:** infância, educação, corpo na obra de Portinari. Projeto de Extensão PIBID/UFSC e SME/PMF: 2019.

SILVA, Maurício Roberto da. Sobre o corpo em movimento na educação infantil: a cultura corporal e os conteúdos/linguagens. In: FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil.** Florianópolis: Prelo, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin). In: PAGNI, Pedro Ângelo; GELAMO, Rodrigo Pelloso (Org.). **Experiência, educação e contemporaneidade.** Marília/SP: Poiesis, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira. Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção. In: LENZI L. H. C. et al. (Org.). **Imagem:** intervenção e pesquisa. Florianópolis: EdUFSC, NUP/CED/UFSC, 2006.



SOBRE OS AUTORES

PROF. DOUTOR ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutorado em Ciências Humanas e Sociais pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, lotado no Departamento de Estudos Especializados em Educação, e onde atua no Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (1C). Email: alexfvaz@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0003-4194-3876>

PROFA. MESTRE ANA MARIA ALVES DE SOUZA

Licenciatura em Artes Plásticas (1999, CEART/UFDESC), com mestrados em Antropologia Social (2003, UFSC) e também em Literatura (2011, UFSC). Interessa-se por psicanálise e pelas diferentes construções de grafias da vida (narrativas (auto)biográficas, fotobiografias, vídeos, etc), especialmente de artistas e esportistas. É professora efetiva de Artes Visuais da Rede Municipal de Florianópolis com 10 anos de atuação. Email: ana.ilinix@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7875-6292>

PROF. MESTRANDO ANDERSON LIBÂNEO

Mestrado em Educação em andamento no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina; Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, estudante voluntário do programa PIBID /UFSC (2018/2020) . Email: anderson.ratocapoeira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7410-8140>

PROF. MESTRE ANDRÉ JUSTINO DOS SANTOS COSTA

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação Física pela UFSC. Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), atuando como assessor pedagógico na Diretoria de Educação Fundamental (DEF) da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Florianópolis no período de 2018-2020. Atualmente é professor da Educação de Jovens e Adultos. Interessa-se por formação de professores, práticas pedagógicas e currículo da Educação Física. Email: andre.justino@prof.pmf.sc.gov.br, <http://lattes.cnpq.br/3418739025824051>

PROF. ANDRÉ RIBEIRO WOLKMER

Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto (FEFID) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de agosto de 2014 até dezembro de 2016. Especialista em tecnologias da informação e comunicação aplicadas à educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor da Rede Municipal de Florianópolis desde 2018, atuando no ensino fundamental e na educação infantil. Durante esse período foi professor supervisor do PIBID pela UFSC Educação Física. Email: andreribeirotti@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/9049264766014882>

MESTRANDA ANGÉLICA DE SOUSA MARQUES

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano na Universidade Federal de Pelotas (2020-). Educadora Ambiental. Especialista em Gestão de Resíduos Sólidos Urbanos (2015). Graduada em Engenharia Civil pela Universidade Católica de Pelotas (1991). Experiência na área de Artes, com ênfase em Cerâmica, atuando principalmente nos seguintes temas: cerâmica artística, arte relacional complexa e arte colaborativa. Foi professora na URCAMP (1994-2004) Bagé-RS. Email: angelica.smarques@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2191-2140>

PROFA. DOUTORA CARMEN LÚCIA NUNES VIEIRA

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Mestre e Doutora em Educação pela UFSC, com doutoramento Sanduíche na Universidad de Valladolid/Espanha (PDSE-CAPES). Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF), atuando como assessora pedagógica no Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFPAEI) da Diretoria de Educação Infantil (DEI) da Secretaria Municipal de Florianópolis (SME). Os interesses de trabalho e pesquisa versam sobre os seguintes temas: Experiências Corporais e Processos de Formação; Educação Infantil, Formação de Professores/as; Memórias e Formação de Professores/as; Educação Física, corpo e infância; Educação Física Escolar; Práticas pedagógicas de Educação Física. Email: carmen.nunes@sme.pmf.sc.gov.br, <http://lattes.cnpq.br/2586682957859413>

PROFA. CLAUDIA CRISTINA DE CARVALHO

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/2004), com especialização em Gestão e Metodologia do Ensino Interdisciplinar (Faculdade Dom Bosco, 2008). Supervisora Escolar na Prefeitura Municipal de Florianópolis/Santa Catarina desde 2005. Atua na área da Educação, com ênfase em Educação Infantil, acompanhamento de processos pedagógicos junto a professoras e formação continuada. Email: claudia.carvalho@prof.pmf.sc.gov.br, <https://orcid.org/0000-0001-7363-9364>

PROFA. DOUTORANDA DEBORA VANUSA BRANDALISE

Graduação em Educação Física, Licenciatura (1996); Especialização em Cotidiano escolar (2001); Mestrado em Educação (2017) e doutoranda em Educação também pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Atuou como professora Supervisora de Estágio Supervisionado I e II de 2013 a 2021 e Supervisora do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) durante o período de 2013 a 2020.1 na Escola Beatriz de Souza Brito. Participa como pesquisadora do Grupo Estudos Biográficos Sartreano (GEBioS) desde 2015. Tem experiência na área da Educação Física atuando com os temas: violência escolar, gênero e cotidiano escolar voltada às práticas corporais. Atualmente é professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC. Email: debamach@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/0765830701096275>

PROFA. EDIMARA CANSIAN

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2017). Atualmente é auxiliar de sala da Prefeitura Municipal de Florianópolis/Santa Catarina, atuando na Direção da Unidade Educativa. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil. Email: edimara.cansian@prof.pmf.sc.gov.br, <https://orcid.org/0000-0001-9180-7528>

PROF. MESTRE FABIANO WEBER DA SILVA

Educador, Brincante e Músico. Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestrado em Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor efetivo de educação física na Rede Municipal de Educação de Florianópolis. Email: fabiano.weber@prof.pmf.sc.gov.br, <http://lattes.cnpq.br/8769811052303610>

PROF. DOUTOR FÁBIO MACHADO PINTO

Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris 8 – Saint-Denis. Professor do departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de educação com ênfase na pesquisa (auto)biográfica, existencialismo, sociologia da educação. Email: fabiobage@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9480-4493>

DOCTORANDA GABRIELA DE MORAES DAMÉ

É doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação, na linha de pesquisa Sociologia e História da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (2019-), mestre em Design e Expressão Gráfica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014), Bacharel em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas (2008). É mãe do Noé, da Yta e da Tiê, nascidos entre 2013 e 2016. Email: gabrielamdame@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9326-638X>

PROFA. GEISA PIRES

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina e especialista em Educação Infantil pela UNIVEL (Centro Universitário de Cascavel). Professora da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis/SC, desde 2003. Email: geisa.pires@prof.pmf.sc.gov.br, <http://lattes.cnpq.br/6606284341283319>

PROFA. DOUTORA JUSTINA SPOCHIADO

Doutora em Educação pela UFSC (2012), Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP -1997) e especialista em Orientação Educacional pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC - 1989). Foi professora nos diferentes níveis de ensino, em especial nos cursos de Pedagogia UDESC e UFSC; orientadora educacional (Escola Técnica Federal de Santa Catarina) e técnica em assuntos educacionais (UFSC). Temáticas de pesquisa: relação com o saber e a escola entre famílias e crianças de meios populares; mulheres/gênero, raça e classe; sociologia da educação e estudos (auto)biográficos. Participa do GEbioS (Grupo de Estudos e Pesquisas Biográfico Sartreano - UFSC). Ensaia escrituras, composições e faz Biodanza. Email: ju.sponchiado@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/2885164765982494>

ACADÊMICA LAURYN NUNES DE QUADROS

Graduanda no curso de Educação Física - Hab. Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Já foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFSC) subprojeto Educação Física (2018-2020). Já foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFSC) com a temática de Estudos Biográficos na Educação Física (2019-2021). Atualmente integra o Grupo de Estudos Biográficos Sartreanos (GEBioS/UFSC) e o Grupo de Formação de Professores de Educação Física (GFPEF/UFSC). Email: lauryn.quadros00@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5997057808503228>

PROF. MATHEUS ODILON DE JESUS

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Educação Física Licenciatura (2018-2020). Foi monitor da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física I (2020.1), e também da disciplina de Aprendizagem e Controle Motor (2017.2). Atualmente atua como professor de Educação Física na rede municipal de ensino de Florianópolis. Email: matheusojesus2@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3106-1984>

PROFA. DOUTORA MARIANA MENDONÇA LISBOA

Doutora e Mestre em Teoria e Prática Pedagógica da Educação Física pelo PPGEF/UFSC. Especialista em Educação Física Escolar (CDS/UFSC). Licenciada em Educação Física (CDS/UFSC). Professora efetiva da EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, da rede municipal de ensino de Florianópolis (RMEF/PMF), onde atuou como professora Supervisora do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Pesquisadora fundadora do LaboMídia (CDS/UFSC) e colaboradora do ConecLab (UFG). Tem experiência e produção acadêmica relacionada aos temas de: Mídia-Educação (Física); Educação Física, Esporte e Mídia; Infância e Mídia; Teoria e Prática Pedagógica da Educação Física. E-mail: mariana.lisboa@prof.pmf.sc.gov.br, <https://orcid.org/0000-0002-5349-2374>

PROFA. MELISSA WEBER

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2009). Atualmente é supervisora escolar da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão Educação Básica, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia da Infância, Educação Infantil, Projeto Político Pedagógico, acompanhamento de processos pedagógicos e formação continuada. Integrante do Grupo de Estudos Biográficos Sartreanos. Email: melissa.weber@prof.pmf.sc.gov.br, <https://orcid.org/0000-0002-7304-9695>

PROFA. DOUTORA MICHELE BETE PETRY

Licenciada e Bacharel em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (2009), Bacharel em Letras/Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2012), Mestre em História pela UFSC (2011), Mestre em Educação pela UFSC (2010) e Doutora em Educação pela UFSC (2016), com período sanduíche na École Normale Supérieure (ENS) e Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ). Possui pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFSC (2018) e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2020). E-mail: michepetry@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-7043-8866>

PROFA. MESTRANDA OLGA MARIA DA SILVA BEZERRA CAVALCANTI

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Educação Física Licenciatura (2018-2020) e da Escola Infantil de Esportes - UFSC (2016-2017). Atualmente é discente, em nível de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/UFSC) e professora da rede municipal de ensino de Florianópolis. Email: olgamariacavalcanti@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7835-3602>

PROF. DOUTOR PAULO RENATO VIEGAS DAMÉ

Doutor em Processos Artísticos pelo Programa de Artes Visuais da UDESC (2018), com a Tese: Casa Redonda. Mestre pelo mesmo Programa (2007), com a Dissertação: Inserindo dispositivos relacionais: táticas artísticas para desacelerar. Artista Visual e Professor de Cerâmica e Escultura na UFPel, desde 1996. Últimas exposições individuais: Porta-por-ter, A Sala/cearte/UFPel, 2008; Aprendiz de Passarinho, Fundação Badesc/SC, 2007. Inserções em espaço Público intituladas: Pedra 42, Mócó Público e Caleidoscópio. Email: paulodame@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/4269058747492892>

PROF. DOUTOR RIDHA ENNAFAA (FRANÇA/TUNÍSIA)

Professor da Universidade de Paris 8 Vincennes à Saint Denis. Pesquisador do Laboratoire CIRCEFT - ESCOL - Université Paris 8, <http://circeft.fr>. Doutor pela Universidade Paris V (Sorbonne). Foi Diretor do Observatório de Vida do Estudante (OVE) desde 1994 até 2010. Consultor Internacional (CDC, Unesco / Unicef). Email: ridhaennafaa@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/1619591231766814>

PROFA. ROBERTA REZENDE TORRES

Bacharel em Educação Física pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Graduanda do Bacharelado em Fisioterapia na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Graduanda da Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ex-bolsista do Programa de Iniciação à Docência no curso de Licenciatura em Educação Física (2018-2020). Foi monitora da disciplina de Jogos e Brinquedos da Cultura Popular (PCC 18h) (2020-1; 2020-2; 2021-1). Experiências com Dança e Expressão Corporal nas Escolas da rede privada do Município de Florianópolis atuando como instrutora de atividade extracurricular (2005 a 2011). Formação no Método Pilates Mat e Aparelhos (2010) e instrutora atuante até os dias atuais. Email: robertart79@gmail.com

PROFA. DOUTORA SIMONE CRISTIANE SILVEIRA CINTRA

Professora efetiva de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC, atuando como Assessora Pedagógica, Formadora e Pesquisadora do Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFP AEI), da Diretoria de Educação Infantil (DEI). Graduada em Pedagogia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). É especialista na área de Arte e Educação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Possui Mestrado e Doutorado em Educação pela UNICAMP. Realizou Estágio Pós-doutoral junto ao PPGE Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), desenvolvendo a pesquisa “Teatro, Literatura para a Infância e Prática Educativa: diálogo entre fazeres”. Em sua produção destacam-se os temas: Formação de Professores, Arte e Educação Infantil. Email: simone.cintra@sme.pmf.sc.gov.br, <http://lattes.cnpq.br/1930437750233973>

PROFA. DOUTORA TELMA PIACENTINI.

Pesquisadora, Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação e Artista Plástica, criou a primeira Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, o Núcleo Infância Comunicação e Arte UFSC-CNPq (NICA) e o Museu do Brinquedo da Ilha de SC (MBISC/UFSC), que implantou e coordena. É professora e pesquisadora aposentada na UFSC e realiza trabalhos nos Termos de Adesão ao Trabalho Voluntário de Professor Aposentado, lotada no Gabinete da Reitoria e na Biblioteca Universitária no setor de Coleções Especiais da UFSC, atuando no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Desenvolve investigações na Ala de Pesquisa do Museu do Brinquedo /UFSC sobre brinquedos e brincadeiras infantis, por meio de interface com universidades italianas através do PPGE e o NICA/CED/ UFSC, envolvendo territórios indígenas Xokleng, Guarani e Kaingang em SC e com o meio popular e social do Instituto Vilson Groh (IVG). E-mail: telma.anita@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-0607-3959>

DECLARAÇÃO

Declaramos, por meio desta, que as imagens aqui reproduzidas são de uso e responsabilidade dos autores de cada capítulo e que estes têm em seu poder todas as autorizações de uso de imagem das pessoas retratadas, ou entrevistados e documentados, além, do direito de reprodução das imagens digitais em alta qualidade das obras do artista plástico Candido Portinari, gentilmente cedidas por João Candido Portinari - filho único do Artista e, por isso, o titular dos direitos de autor das obras - para a realização deste livro, a fim de difundir e divulgar as atividades desenvolvidas pelo *Projeto experiências educativas: infância e educação do corpo na Obra de Portinari*.

Por esta presente Declaração, os autores isentam a Editora Ateliê da Casa de quaisquer responsabilidades sobre imagem e músicas contidas no livro acima citado e que por ventura venham ser contestados pelos seus reais detentores de direito, assim sendo, os autores assumem toda e qualquer responsabilidade sobre o conteúdo, imagem e música contidos no livro.

Os autores declaram, em caráter irrevogável e irretratável, estarem cientes e de acordo, também, com o uso e distribuição gratuita do livro.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Centro de Ciências da Educação - CED

NEPESC UFSC
CNPq
Núcleo de Estudos e Pesquisas
Educação e Sociedade
Contemporânea

gebios
Grupo Estudos
Biográficos
Sartreano



PROJETO  PORTINARI

 **PREFEITURA DE
FLORIANÓPOLIS**
EDUCAÇÃO




Ateliê
da casa
editorial